



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CECH – CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DHI - DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

## **HISTÓRIA, MULHER E POLÍTICA NA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS**

**RITA DE CÁSSIA PASSOS SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico), sob a orientação do Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

**São Cristóvão-SE**

**2024.1**



**RESUMO:**

A política é assunto que está presente desde os primórdios e faz parte da construção da humanidade. Mas é possível observar que durante muitos anos, foram os homens que exerceram o papel de protagonistas e, devido a uma construção social, poucas mulheres estiveram ocupando um cargo de destaque. Alinhado a essa perspectiva, tem-se a Cultura de Paz, que busca manter a igualdade, respeitando as diferenças entre os indivíduos. Este trabalho busca falar sobre isso, apresentando três mulheres que fazem parte da construção da história sergipana e que ganharam visibilidade pela autenticidade e pela excelência em seus trabalhos. Lígia Pina, Jane Nascimento e Marlene Calumby são peças fundamentais para que se compreenda sobre a mulher e sobre os diversos papéis que ela pode e tem a capacidade de desempenhar dentro de uma conjuntura histórica e social.

Palavras-chaves: política, história e mulher.

**SUMMARY:**

Politics is a subject that has been present since the beginning and is part of the construction of humanity. But it is possible to observe that for many years, it was men who played the role of protagonists and, due to a social construction, few women were occupying a prominent position. Aligned with this perspective, there is the Culture of Peace, which seeks to maintain equality, respecting the differences between individuals. This work seeks to talk about this, presenting three women who are part of the construction of Sergipe's history and who gained visibility for the authenticity and excellence of their work. Lígia Pina, Jane Nascimento and Marlene Calumby are fundamental elements in understanding women and the different roles they can and have the capacity to play within a historical and social context.

Keywords: politics, history and women.

## APRESENTAÇÃO

Desde o início da civilização, a política esteve presente e perpassa a história. O dicionário a define como a arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados<sup>1</sup>. Ou seja, falar sobre política é falar sobre a organização de uma sociedade. Nos escritos da Bíblia, há o relato da forma que Deus encontrou para manter a organização do povo que atravessava o deserto, uma tábua com as leis que orientavam como eles deveriam proceder e essas leis deveriam ser obedecidas, caso contrário, haveria punição para o transgressor. Ainda na Bíblia temos o relato de reis que governaram o povo segundo o seu entendimento, e isso também era política.

Analisando de uma perspectiva histórico-científica, a pré-história se divide em três grandes momentos: paleolítico, mesolítico e neolítico, com uma redução de tempo entre a passagem de um e para o outro. Estudando a Pré-História, é possível perceber que a partir de determinado ponto, os hominídeos passaram a se organizar politicamente, as funções estavam pré-estabelecidas e cada um deveria realizá-la conforme a divisão, os homens caçavam e as mulheres cuidavam das plantações, ressaltando, nesse ponto, que a sobrevivência daquelas comunidades acontecia devido ao trabalho contínuo das mulheres em cuidar do plantio. Desde então, as organizações se tornaram mais sofisticadas e cada um foi assumindo seu papel, garantindo o bom funcionamento e a harmonia.

A História nos diz que foi na Grécia Antiga que surgiu a política, onde os homens se reuniam em praça pública e falavam abertamente sobre o assunto. Durante sua evolução, a Grécia conheceu as seguintes formas de governo: oligarquia, tirania, monarquia e a democracia. Mas mesmo em um lugar onde tudo era permitido, as mulheres não tinham liberdade para falar sobre este assunto, elas não possuíam lugar de fala e apenas observavam os homens expressando suas opiniões. Em diferentes civilizações, lugares e épocas, foram poucas as mulheres que assumiram um papel de liderança, como por exemplo, Cleópatra, faraó no Egito Antigo, ficando conhecida na História por exercer um papel de liderança, por sua autonomia e uma inteligência incontestável.

Dando um salto na História, anos e mais anos se passaram e as mulheres começaram a reivindicar seus direitos e a lutar para exercer a sua liberdade em todas as esferas que constituem a sociedade. Atraindo a atenção para o contexto brasileiro, com o passar dos anos, os partidos políticos que surgiram na metade do século XIX foram se ampliando, como também novos

---

<sup>1</sup> Dicionário Oxford Languages: maior editora mundial de dicionários

partidos foram surgindo, aumentando as possibilidades para as mulheres conquistarem mais direitos, mas somente em 1932, com o decreto do então presidente Getúlio Vargas, elas conseguiram o direito ao voto, que veio com algumas limitações, pois precisavam ser maiores de 21 anos e alfabetizadas<sup>2</sup>.

Com isso, foi perceptível que esse decreto possibilitasse a inserção da mulher, ainda que tardia, nas tomadas de decisões na política. A Constituição de 1934 consolidou a obrigatoriedade desse voto que antes era facultativo, desde então a presença das mulheres nas câmaras, assembleias e senados, vem aumentando gradativamente. Entretanto, é algo pouco, tendo em vista que já se passaram 90 anos desde a elaboração e vigência do documento citado e as cadeiras são ocupadas majoritariamente por homens. Apenas em 1º de janeiro de 2011, a primeira mulher assumiu a presidência da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff foi a 36ª presidente do país, eleita com 55.752.529 votos em 31 de outubro de 2010, sendo reeleita em 2014 com mais de 54 milhões de votos. Mas, para que isso pudesse acontecer, várias mulheres caminharam, estiveram nas câmaras e ganharam visibilidade pelos seus trabalhos pela sociedade. Em 31 de agosto de 2016, Rousseff recebeu um processo de *impeachment*, que a fez deixar a presidência do país<sup>4</sup>.

Meu interesse pelo tema tratado se deu após a observação de como as mulheres podem contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária, onde nossos direitos podem ser assegurados através de mulheres engajadas na política, que buscam o desenvolvimento educacional e incentivam outras mulheres ao crescimento pessoal e profissional. Contudo, o sistema político apresenta um baixo percentual da presença feminina, além de uma realidade violenta, onde ela ainda não é bem recebida e a cultura do patriarcado prevalece.

O presente trabalho tem como objetivo falar sobre três grandes figuras femininas, que desempenharam um papel muito importante e ainda exercem influência direta com as suas formas de trabalhar, sendo inspiração na forma em que ganharam destaque no ramo acadêmico, profissional e político. Cada capítulo deste artigo está destinado a mulheres que foram nomeadas para estar na Academia Sergipana de Letras: Maria Lígia Pina, Jane Nascimento e Marlene Alves Calumby. O trabalho foi produzido com base no livro do Prof. Dr. José Anderson Nascimento, pesquisas em sites, consulta em livros, leitura dos materiais produzidos por elas, depoimentos disponíveis nos meios de comunicação e entrevistas com as figuras citadas.

---

<sup>2</sup> Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932

A Academia Sergipana de Letras é trata de um espaço cultural inaugurado em 1º de junho de 1929, moldado na Academia Brasileira de Letras. A ASL busca elevar os nomes que enaltecem a língua e a literatura brasileiras, tendo como objetivo propagar a literatura, incentivando pesquisas e estudos sobre ela, além da promoção de palestras, congressos e variados meios que contribuem para o desenvolvimento cultural de Sergipe. Com o prédio fica situado no centro de Aracaju, a instituição, que conta com 40 membros efetivos e vitalícios, e 20 sócios correspondentes, nasceu através da vontade expressa dos intelectuais do século XX a favor da criação da academia literária, uma vez que já existia o movimento “A Hora Literária” e várias tentativas haviam sido feitas até a consolidação da inauguração da ASL.

A primeira parte do presente artigo é dedicado a Maria Lígia Madureira Pina, ou Lígia Pina, trabalhando uma de suas obras “A mulher na História” (1994), que está relacionada ao papel da mulher como figura de destaque na História. Pina faz um passeio na historiografia em ordem cronológica para apresentar as informações com riqueza de detalhes, ela explica a origem dos preconceitos que ainda hoje cercam a vida da mulher. Durante 6 anos de pesquisa, ela conseguiu reunir o máximo de informações sobre a figura feminina fazendo recortes geográficos e temporais muito importantes para a sua compreensão.

Em seguida, dedicamos atenção a Jane Alves Nascimento Moreira de Oliveira. Ela possui um currículo repleto de formações acadêmicas e é referência nos estudos sobre a paz, tendo buscado várias especializações sobre o tema. Ao longo de sua trajetória profissional, buscou por conhecimento para que pudesse transmitir e desenvolver projetos bem estruturados acerca do seu foco de pesquisa.

Por fim, dissertamos sobre Marlene Alves Calumby, mulher que se destacou pelo seu empenho aos estudos e também pelo seu trabalho na política e na educação. Iniciou sua vida profissional muito jovem e sempre foi sedenta por conhecimento, cursou Pedagogia e Direito pela Universidade Federal de Sergipe, tem curso de radialismo, iniciou a faculdade de Psicologia, mas a sua grande paixão sempre foi a educação. Este capítulo está dedicado a falar sobre os desdobramentos de sua vida de forma detalhada, reunindo os elementos que fazem parte do que ela é.

## LÍGIA PINA E A MULHER NA HISTÓRIA

Maria Lígia Madureira Pina nasceu em 30 de setembro de 1925, em Aracaju, Sergipe. Iniciou seus estudos no Colégio Frei Santa Cecília e, logo depois, foi transferida para o Grupo Escolar Manuel Luiz. Estudou também no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, onde concluiu o primário; seu secundário foi feito no Instituto de Educação Rui Barbosa. Em 1959, concluiu sua graduação em História e Geografia pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Como professora, atuou em vários colégios, incluindo o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, e no Instituto de Educação Rui Barbosa, onde havia sido discente.

Profissionalmente, também atuou em cargos de secretaria e presidência de importantes associações do país, ousando afirmar que a sua presença contribuiu para a evolução e bom desempenho destas mesmas. Pina também foi membro ativo do Conselho Estadual de Cultura, tornando-se, posteriormente, vice-presidente. Na Academia Sergipana de Letras foi também vice-presidente. Em 13 de maio de 1995, tomou posse na Cadeira nº 27, ocupando o lugar de Benedito da Silva Cardoso. A intelectual faleceu em 14 de agosto de 2014, deixando um legado extenso e repleto de contribuições para a literatura brasileira.

Durante sua trajetória como escritora, deixou seu legado em: “Flagrando a vida” (1983), “A mulher na história” (1994), Satélite espião (1999) e “A relíquia, contos e crônicas” (2008). Para a produção deste capítulo do artigo, será utilizada a segunda obra citada “A mulher na História”. O livro tem mais de 400 páginas e está estruturado em 10 capítulos com subtópicos, apresentando a trajetória da mulher na História, as suas contribuições e as suas conquistas.

Nas páginas iniciais, ela fala como se deu o “nascimento” da obra. Inicialmente, ela buscava elaborar um artigo sobre uma personalidade sergipana, foi quando teve a brilhante ideia de falar sobre uma mulher, que seria *Quintina Diniz*. Começou a procurar várias informações sobre a vida dela e sobre seu eixo de atuação política, sendo a primeira deputada estadual eleita em 1934, entretanto, devido à falta de informações detalhadas sobre *Quintina*, ela pensou em adicionar à sua pesquisa outras mulheres que fizeram parte do processo de construção da história e estiveram lutando por igualdade e pela própria dignidade. A autora passou seis anos catalogando informações que deram forma ao livro, ela fez um passeio na história, trazendo um relato em ordem cronológica. O livro é, sem sombra de dúvidas, uma grande fonte de pesquisa sobre esse tema. “A mulher na História” busca trazer sem limitações o relato sobre a vida de mulheres inteligentes que viveram e buscaram a sua autonomia, além de também perpetuar a ideia de independência e de liberdade para as gerações futuras.

No primeiro capítulo “As origens da discriminação”, ela aborda sobre as condições biológicas da mulher serem um fator segregacionista desde o começo das civilizações. Nesse tempo, a figura feminina era inferiorizada por estar vivendo o período menstrual ou por estar passando pelo puerpério, por conta disso, a mulher da antiguidade ficava proibida de tocar em objetos sagrados e de adentrar em templos. Devido a essa mentalidade, o que era pra ser algo natural do corpo feminino, se tornou uma forma de aprisionar a mulher nas limitações do que se entende por “sexo frágil”, ela foi conduzida e ensinada a desenvolver somente as atividades domésticas, e esse pensamento foi trazido pelo decorrer dos séculos, se fazendo presente até os dias atuais.

Os dois capítulos seguintes relatam sobre como a mulher era tratada pelas civilizações em que viviam, sendo que apenas na sociedade micênica, ela se destacava dentre os demais. Nas civilizações da Antiguidade Clássica, como já foi dito anteriormente, a Grécia, que é o berço das relações políticas, mantinha a mulher como coadjuvante, eram os homens que sempre estavam em lugares mais elevados, socialmente falando, como a exemplo de Aristóteles, Heródoto, Platão e tantos outros. Entretanto, é neste mesmo lugar segregacionista, que estavam as maiores correntes de resistência, as heteras, citadas pela autora, buscavam romper com as ideologias da superioridade masculina que predominavam no imaginário grego (PINA, 1994, P. 33 e 39).

Durante a Idade Média, período retratado no quarto capítulo, vários acontecimentos marcaram a história e, pode-se dizer, que foi um verdadeiro divisor de águas, o homem continuava a desempenhar atividades que exigiam ser desempenhadas pela figura masculina, governava e liderava os exércitos, tendo em vista que foi um período de guerras intensas, passavam muito tempo longe de suas famílias. Por conta disso, foi durante esse tempo, que as mulheres foram ensinadas a realizar o básico da educação: leitura, escrita e contagem. Elas eram vistas como figuras que serviam apenas para reproduzir e, em muitos casos, seduzir os homens. Foi nesse tempo, que a devoção Mariana ganhou visibilidade e, de certa forma, colocou delimitações na evolução do padrão de mulher daquela época, muitas mulheres ficaram à margem da sociedade, por não se enquadrarem nos moldes da Mãe de Jesus. Muitas mulheres foram queimadas vivas por possuírem conhecimentos medicinais ou por lutarem para exercer a própria liberdade, sendo perseguidas e denominadas como bruxas (PINA, 1994, P. 46).

A autora apresenta informações sobre mulheres nobres, intelectuais e as plebeias. As primeiras precisavam se impor para não ficarem sem os seus bens e não perderem as suas propriedades através de invasões durante as guerras; as segundas, demonstravam sua inteligência e astúcia através de seus poemas, trovadas e diversos escritos; sobre as últimas: “A mulher do

povo, pobre e aldeã, vivia ligada à terra como o pai ou o marido, trabalhando nos diversos trabalhos da vida, não menos injustiçada e explorada do que todos os servos da gleba.” (PINA, 1994, P. 50), além disso, elas também realizavam as atividades domésticas. De modo geral, independente da diferença em relação à condição social, o preconceito estava presente.

O quinto capítulo foi dedicado aos tempos modernos, período em que as mudanças e as tecnologias que surgiram no tempo anterior continuaram a impulsionar o desenvolvimento das sociedades. Entretanto, a mulher continuava aprisionada ao seu marido ou pai, eram eles quem determinavam o que elas deveriam seguir ou fazer, ou seja, ela permanecia sendo: reprodutora e submissa à vontade de seu “senhor”. Em um tempo que os adventos dominaram, permitindo o avanço cultural e o domínio dos países europeus sobre as demais nações, a conquista territorial, o encontro de civilizações já existentes, mas que naquela época foram tidas como “novas”, as mulheres que tinham a liberdade de mostrar a sua autonomia eram aquelas que detinham poder aquisitivo. Pina cita algumas mulheres que fazem parte dessa composição, a exemplo de Thereza d’Avila, como tantas outras que ali viveram, foi uma jovem que buscou viver conforme a sua vontade, desejou ingressar para o convento ainda muito jovem, mesmo sendo contra o gosto de seu pai. Hoje, Thereza é santa, foi canonizada pela Igreja Católica e nos deixou vários escritos que são inspiração e ensinam a estar mais próximo de Deus.

Ao passo que o tempo avançava, a história percorria por novos rumos, até que foi no século XVIII que a mulher passou a ser vista e reconhecida como fonte de intelectualidade. Pina apresenta nomes de mulheres europeias que se destacavam pela sua inteligência, por tratar sobre política abertamente, publicar livros, romances e abrirem mais espaços na sociedade para as gerações vindouras, onde é apresentado no sexto capítulo, período que transaciona entre o fim dos tempos modernos e o início do tempo contemporâneo, com a Revolução Francesa em 1789, que tinha como lema “Liberdade, igualdade e fraternidade”. Esse período de transição permitiu que as mulheres vivessem com mais liberdade, mas sempre lutando pela conquista de seus direitos e da igualdade perante os demais integrantes, dando passos para trilhar novos caminhos para o início de uma nova história para a figura feminina.

O sétimo capítulo começa a apresentar como se deu a atuação da mulher na sociedade do século XIX até que chegue aos temas mais próximos dos dias atuais. Dividido em 8 subtópicos, a autora aborda detalhadamente e com clareza quais os caminhos percorridos pela mulher, quais eram as profissões que elas poderiam exercer. As revoluções que aconteceram abriram possibilidades para a inserção da mulher no mercado de trabalho, “(...) a industrialização vai ser conivente com a mulher que começa a sair do recesso do lar para trabalhar nas fábricas” (PINA,

1994, P. 73), ou seja, a invenção das máquinas trouxe consigo a necessidade de mais mão de obra no mercado de trabalho, desse modo, as mulheres passaram a trabalhar fora.

A autora fez a catalogação de informações sobre as mulheres que nasceram e viveram no século XIX e, diante disso, observo que, mesmo tendo passado mais de 1800 anos, a mulher ainda estava dando seus primeiros e pequenos passos, muitas delas ainda não eram alfabetizadas, então, aquelas que ingressaram nos estudos foram influenciadas a serem professoras, dando à luta da mulher a uma visibilidade maior. De modo geral, as informações obtidas pela acadêmica destacam mulheres de todo mundo que durante esse período estiveram atuantes, escrevendo livros, poesias, trabalhando também como enfermeiras, médicas, professoras. Ao falar sobre a mulher latino-americana, ela destaca sobre o tempo de submissão europeia pelo qual a América esteve e se manteve oprimida pelos colonizadores, colocando, a mulher deste mesmo lado de opressão e humilhação (PINA, 1994, P. 73 e 99).

Nos dois capítulos seguintes, VIII e IX, respectivamente, Pina reservou para falar sobre a mulher no Brasil. Entre os séculos XVII e XVIII, havia o ideário de libertação da dominação estrangeira, o país se encontrava dependente dos países mais desenvolvidos, uma vez que a civilização que aqui habitava havia sido encontrada em 1500, ou seja, se comparado aos demais, o Brasil era um país que estava dando os primeiros passos para a independência. Entre as revoltas em busca de independência, encontra-se a figura de Bárbara Heleodora, poetisa árcade, casada com o também poeta árcade Silva Alvarenga (PINA, 1994, P. 123). O Brasil passava por um tempo difícil, a figura emblemática de D. Pedro I estava presente, o imperador abdicou do trono imperial em 1831, dando início ao Período Regencial. Concomitante aos anos iniciais do novo governo imperial, algumas mulheres ganharam destaque na política, pois tinham como objetivo defender a pátria, começava a existir um sentimento de unidade sobre a nação. No capítulo, Pina cita algumas mulheres, dentre as quais: Maria Quitéria de Jesus Medeiros que lutou contra a invasão dos portugueses em território brasileiro, e a Princesa Isabel, que sempre buscava dar suporte e liberdade aos escravizados. Aos 13 de maio de 1888, ao assinar a Lei Áurea, antecipou o fim da monarquia no Brasil (PINA, 1994, P. 132 e 133), uma vez que a monarquia era mantida pelos apoiadores que utilizavam mão de obra escravizada.

Com o decorrer dos anos, a política foi se desenrolando, influenciados pelos ideais do Positivismo, a República estava sendo iniciada e, nesse período, as mulheres ainda não tinham conquistado tantos direitos, os avanços aconteciam lentamente<sup>5</sup>. O fato de ter sido submetido durante tantos anos a depender de outros países fez com que o seu desenvolvimento estivesse atrasado em relação aos demais. Mais uma vez, Pina descreve as situações de várias mulheres

que estiveram dentro dos movimentos feministas, visando lutar pelos seus direitos, enquanto mulher e cidadã de expressar suas opiniões e exercer o direito ao voto. Apenas em 1932, as mulheres tiveram essa conquista e ainda assim, poucas delas poderiam participar das decisões políticas, tendo em vista que ser alfabetizada e maior de 21 anos era pré-requisito para realizar tal atividade e, na sociedade feminina, eram poucas as mulheres que estavam dentro desses parâmetros. Além disso, ela também apresenta outras personagens que se destacaram ao realizar um trabalho excepcional como professoras, escritoras, poetisas, romancistas, atrizes e tantas outras atribuições.

Por fim, o capítulo X, com mais de 200 páginas, está diretamente ligado às mulheres sergipanas que deram base para a construção da história de Sergipe. A autora destaca que, desde o início, o estado sergipano sempre esteve conectado à educação, com a fundação de colégios pelos religiosos que desembarcavam nas caravanas de Portugal (PINA, 1994, P. 179). Cada mulher citada por Lígia Pina deixou seu legado, muitas delas exerceram a docência, sendo responsáveis pela alfabetização de muitos intelectuais de Sergipe que ainda são lembrados atualmente. Entre tantos nomes citados no capítulo, o de Quintina Diniz deve ser destacado. Ouso dizer que Quintina foi responsável pela escrita deste livro. Por falta de informações suficientes a respeito da personalidade, diante disso, outros nomes femininos foram surgindo com histórias diferentes, mas com o mesmo objetivo: evidenciar a luta e o papel da mulher diante da sociedade. Nascida em Laranjeiras, Diniz esteve à frente da direção de colégios, além de ter construído o seu próprio colégio, sendo responsável pela formação intelectual de diversas pessoas. Em 1934, foi eleita deputada estadual e chamava atenção pela sua imponência e falas acertadas na assembleia.

## **JANE NASCIMENTO E A CULTURA DA PAZ**

Em 8 de dezembro de 1946, nascia em Propriá, interior sergipano, Jane Alves Nascimento Moreira de Oliveira. Estudou no Ginásio de Nossa Senhora das Graças, no Colégio do Patrocínio de São José e, logo depois, no Atheneu Sergipense, onde concluiu o nível médio. Também estudou no Instituto Califórnia e na Aliança Francesa. Graduou-se em Letras Estrangeiras com especialidade no idioma francês e em Direito, nas turmas de 1978 e 1982, respectivamente, na Universidade Federal de Sergipe. Tem pós-graduação em Direito Público pela Universidade Tiradentes, e deu continuidade aos seus estudos no ramo jurídico, concluindo suas especializações fora do país, sendo válido ressaltar que o enfoque de suas pesquisas está voltado

para os Estudos pela paz. Possui mestrado em Estudos Internacionais de Filosofia para a Paz e o Desenvolvimento, na Espanha, em 2008; e doutorado em Direitos Humanos na Universidade Nacional de Buenos Aires.

Ao passo que buscava se especializar para estar apta a exercer suas funções enquanto profissional, também trabalhava. Atuou na Procuradoria Federal, foi diretora jurídica da FUNDESE e, também, do Centro de Treinamento da Pós-Graduação da UFS, atuou como assessora do Ministério da Educação em 1999 para implantação da Procuradoria Jurídica do Instituto Federal de Educação, em 2005, foi secretária do Colégio Jackson de Figueiredo, durante 5 anos, e lecionou Francês no Colégio Dom José Thomaz, por 2 anos.

Lecionou na UFS e na UNIT, como docente das disciplinas de Direito Civil, Direito Processual Civil e Filosofia do Direito, Direito Empresarial, Introdução ao Estudo do Direito, Direito do Trabalho e Direito Administrativo. Também esteve como orientadora e em bancas examinadoras em ambas as instituições e coordenou a realização de várias atividades de exposição de conhecimentos pelo estado.

Em 30 de maio de 2017, foi eleita para ser sucessora do Acadêmico Wagner da Silva Ribeiro na Academia Sergipana de Letras, sendo a primeira mulher evangélica a ocupar uma cadeira na ASL. Na Academia, coordenou o Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, esse trabalho visava expandir o local através da promoção das atividades desenvolvidas. Sua religião influenciou na produção de algumas obras sobre personagens da Bíblia. Por conta disso também esteve envolvida no Curso Liberdades Civis Fundamentais, em Portugal e na Inglaterra. Além de estar na ASL, é membro da Academia Propriaense de Letras e da Academia Sergipana de Educação.

Escreveu os seguintes livros: Legislação Empresarial (2010), Introdução ao Direito (2011), Estudos para a Paz (2010), “A morte de Dulcídio Lombardi” (2015). O presente capítulo aborda a terceira obra que se trata de um compilado de textos escritos por professores e alunos que estudam sobre o tema. A obra é utilizada no Brasil e no mundo como referência aos estudos que englobam paz e violência.

A obra “Estudos para a Paz” lançada em 2010 foi organizada por Vahideh R. Rabbani Jalali. Trata-se de uma coletânea de escritos de estudiosos do mundo todo que foram catalogados, divide-se em 26 capítulos, cada um deles escrito por um autor ou mais, com o objetivo de abordar sobre a paz em diversos setores que abrangem a sociedade, seja nas relações de trabalho ou na área educacional, quer seja nos meio religioso ou seio familiar. De início, é necessário

compreender como surgiu a ideia de estudar para a paz, e o próprio livro traz informação. Seu surgimento se deu após meados no século XX, logo após às guerras e foi com o objetivo de encontrar soluções para os conflitos armados (2010). Para a construção deste capítulo do artigo, o foco está voltado para as partes do livro que possuem a contribuição de Jane Nascimento: “Estratégias para enfrentar o bullying através da paz”, “Direitos Humanos e a Água como Fonte de Vida” e “Núcleo de Estudos da Mente e da Espiritualidade Humana – NEMEH”.

O primeiro capítulo citado com a contribuição de Jane Nascimento aborda sobre diversos aspectos que englobam a violência, conceitua o termo *bullying*, suas causas e como deve ser combatido. Inicialmente, aborda sobre como a violência é um tema que está presente em vários setores da sociedade, também está presente nas escolas e se configura de diversas formas, saindo da esfera da agressão física para os demais aspectos que fazem parte de suas características, como pressão psicológica, ofensas verbalizadas, opressão. Entretanto, em alguns locais, existe a dificuldade manter a organização e bom funcionamento em determinadas instituições de ensino do país, levando em consideração a estrutura de muitas delas para receber um grande quantitativo de alunos.

No capítulo, ao conceituar sobre bullying, os autores demonstram que não se trata de uma brincadeira amigável ou inofensiva, o agressor tem o objetivo claro de expor a vítima, geralmente na frente de outras pessoas, levando-a muitas vezes aos sintomas de depressão e ao isolamento social. No decorrer da leitura, alguns autores com especialização na área são citados, e eles compreendem que a agressão feita é reflexo de agressões que já foram sofridas pelo agressor que, hoje, são reproduzidas e, futuramente, terão outras proporções e influenciam diretamente na escolha do estilo de vida deles. O ambiente escolar precisa ser favorável ao combate e ao controle de atitudes como essas, é preciso que tenha uma equipe escolar apta a resolver problemas dessa natureza.

Os autores apresentam quais são as ideias que configuram o bullying como um assunto tão delicado, quais são os fatores que influenciam no seu acontecimento e como ele deve ser tratado. Os alunos devem buscar conviver amigavelmente e sempre refletir sobre as suas ações no ambiente escolar, tornando-se responsáveis pelos seus atos; a equipe escolar deve buscar desenvolver ações que exercitem a solidariedade e o respeito mútuo, através de projetos e palestras, fazendo com eles entendam como devem tratar seus colegas e a família também deve estar ciente e envolvida na vida do estudante e buscar soluções junto com a equipe escolar.

O segundo capítulo “Direitos Humanos e Água como Fonte de Vida” tem o objetivo de abordar a relação entre os direitos humanos e a preservação dos recursos hídricos. A autora

estabelece uma linha de pensamento ligada às desigualdades sociais, uma vez que nem todos possuem acesso à água potável e esse problema desencadeia outros problemas na conjuntura social. Ela enfatiza que a crise hídrica mundial não é devida somente aos fatores naturais, mas falta de interesse do poder público em investir financeiramente em projetos que visem a melhoria desse problema.

No terceiro capítulo citado “Núcleo de Estudos da Mente e da Espiritualidade Humana – NEMEH”, a reflexão de desenvolvimento da consciência humana é trazida a partir da concepção dos conceitos de religião e ciência, estando inseridos dentro dos parâmetros de um sistema básico de conhecimento. Isso acontece porque o ser humano é dotado de aspectos ligados à espiritualidade. O núcleo de estudos busca expandir esses ideais, a partir da promoção de atividades que tenham claramente esse objetivo.

## **MARLENE CALUMBY E A MULHER NA POLÍTICA**

Nascida na cidade de Aracaju, em 21 de outubro de 1950, Marlene Alves Calumby é filha de João Alves e de D. Maria de Lourdes Gomes. Durante sua infância e adolescência, estudou no Colégio Jackson de Figueiredo. Possui formação acadêmica em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe e Direito pela Universidade Tiradentes; pós-graduada em Metodologia da Informação Ocupacional pela FGV, Lato Sensu, Planejamento Educacional na Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo, além do mestrado (que não foi concluído) pela Universidade da Extremadura, Espanha.

Sua vida profissional começou muito cedo. Por desde sempre sentir o desejo de estar em sala de aula lecionando, decidiu aos 17 anos, que queria cursar o Ensino Pedagógico, onde o fez no Colégio do Patrocínio de São José. Lá, esteve como assistente de turma e se destacou pela sua inteligência e pelo desempenho excepcional de seu trabalho, tornando-se, no ano seguinte, titular de turma. Também foi durante esta experiência que ela começou a escrever suas primeiras peças teatrais, fazia diversas adaptações e as apresentava junto com algumas colegas de trabalho. Como ela mesma definiu em entrevista, era apaixonada pela sala de aula e pela alfabetização, e essa paixão, a motivou a buscar pelo melhor para a educação.

Devido à exigência do pai em que ela tivesse o ensino superior, prestou vestibular e foi aprovada em 7º lugar no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. Por não conseguir conciliar a rotina exaustiva, precisou deixar a sala de aula, mas continuou atuando em serviços de coordenação de atividades. Como estudante universitária, sempre se destacou pelas

suas notas, foi monitora e optou, no 3º ano de curso, por ser orientadora educacional. Por conta de suas excelentes notas, foi selecionada para implantar o serviço educacional e pedagógico na Escola Técnica de Sergipe.

Em sua trajetória como professora, trabalhou no Colégio do Patrocínio de São José e no Instituto de Educação Rui Barbosa, onde esteve por 12 anos, e declara paixão pelo lugar que oportunizou o seu crescimento profissional. Atuou também como orientadora e diretora escolar em outros dois colégios, respectivamente. Esteve atuante como diretora de alguns cargos do estado e do município de Aracaju, todos eles ligados à educação, durante os mandatos de João Alves Filho como prefeito de Aracaju e governador do Estado. Quando esteve à frente da direção escolar do Atheneu Sergipense, a pedido do Governador João Alves Filho, buscou se fazer presente para atender às demandas exigidas pela educação, assistia aos alunos em suas necessidades, incentivava-os aos estudos, sendo válido destacar que levou o Atheneu Sergipense a participar de concursos literários a nível nacional. Durante a entrevista, ela se recordou de Maria, aluna que conquistou o prêmio literário em 1º lugar e demonstrou admiração pela sua simplicidade e inteligência.

Esteve no Conselho Estadual de Educação, foi nomeada como suplente e eleita como presidente no ano seguinte. Ocupou o cargo durante 16 anos, onde se destacou por desenvolver vários trabalhos para a melhoria da educação. Sempre sedenta por conhecimento, foi nesse período, que ela se sentiu motivada a saber mais sobre legislação, desejava compreender seu funcionamento. Então, ingressou no curso Direito pela Universidade Tiradentes. Mesmo contra a vontade de seus mestres, escreveu a sua monografia sobre Direito Educacional. Calumby também atuou como docente dos departamentos de Direito da UNIT e da UFS, em disciplinas introdutórias para o curso.

Mostrando-se solícita à vontade do governador João Alves Filho, esteve por duas vezes como superintendente da Fundação Aperipê, a fim de exercitar a educação e a cultura. Dedicada às suas funções no local, fez o curso de radialismo para poder fazer mais em seu trabalho. Permaneceu na Fundação por anos e procurou meios de mostrar a cultura do município, desenvolveu vários projetos; aconteceu, também, a criação do espaço do Museu da Imagem e do Som, que, hoje, encontra-se desativado.

Em 26 de fevereiro de 2004, tomou posse na Cadeira nº 35 da Academia Sergipana de Letras, que antes pertencia a João Gilvan Rocha. Diante de seu currículo repleto de experiências, é possível afirmar que Marlene Calumby se destaca entre as sergipanas pela forma em que se empenhou aos estudos e pelo seu jeito de trabalhar, executando um serviço essencial,

principalmente no ramo da educação, onde desenvolveu projetos que visavam o aprendizado e o protagonismo dos alunos.

Como escritora, é autora dos livros: “Tudo vale a pena: memórias de uma vida” (2001), “Até onde eu sei” (2011), “Construtor João Alves, sem reticências” (2015) e “Passagens de uma vida” (2019).

Em entrevista, Calumby diz que a primeira obra trata de algumas crônicas escritas, sendo a maioria delas para o marido, José Calumby Alves, com quem foi casada por 23 anos e teve duas filhas. Demonstrou sentimento de gratidão ao falar sobre o falecido marido, uma vez que ele foi o maior incentivador da vida dela, tendo participação em suas conquistas. O livro “Até onde eu sei” (2011) foi dedicado para o seu irmão João Alves Filho. Na obra, ela conta sobre a trajetória do irmão durante sua primeira gestão como prefeito do município de Aracaju. A radialista relembrou como o processo de escrita foi árduo, sendo um dos mais difíceis, por conta da escassez de material para a produção do livro.

Filha do construtor João Alves, demonstrou muita sensibilidade ao escrever sobre seu pai, na obra “Construtor João Alves, sem reticências” (2015). Ele foi responsável pela criação de diversos bairros do município de Aracaju e lutou para conseguir um espaço de visibilidade no ramo da construção civil, mostrando a importância de sua atuação na profissão e foi exatamente isso que ela buscou retratar em sua obra, ela queria que as pessoas tivessem noção da importância do papel desempenhado pelo pai para o desenvolvimento estrutural da cidade de Aracaju. Em 2019, motivada por um colega, publicou outro compilado de textos escritos há muitos anos, crônicas sobre a sua vida profissional, colegas de trabalho, suas filhas, com o título de “Passagens de uma vida”. Quando questionada sobre publicações de novos livros, ela disse que não pretende fazer mais publicações, pois o trabalho de edição é muito cansativo.

Como irmã do saudoso João Alves Filho, que foi prefeito do município de Aracaju e governador do estado por alguns mandatos, esteve engajada nos movimentos relacionados à política, foi secretária de Governo da Prefeitura de Aracaju durante do mandato do mesmo. Já foi candidata à vereadora para compor o quadro feminino das disputas eleitorais e compartilhou a lembrança de que naquele tempo, não tinha recursos para sustentar a campanha, mas levou adiante, recebendo 1.680 votos. Nas eleições de 2022, filiou-se ao Partido Patriotas (PP), partido que possui ideologias mais conservadoras, e entrou na disputa como candidata a deputada federal. Em uma nota divulgada nas redes sociais, ela declarou que buscava contribuir para o desenvolvimento do Estado, assim como, o desenvolvimento do país, após receber vários convites, ela decidiu estar ao lado do partido que se enquadra aos seus ideais.

Após ter contado detalhadamente sobre a sua trajetória como mulher, educadora, profissional, Marlene Calumby foi questionada sobre quais as expectativas dela, enquanto professora e mulher política, sobre o futuro da educação e da mulher na política no Brasil. Descontraidamente, ela expôs a sua opinião a respeito dos temas. Sobre educação, ela sustentou o seu posicionamento contra as cotas. De acordo com a professora, a cotas impõe limites para o conhecimento dos estudantes, uma vez que somos todos iguais. Ela defende uma educação pública de qualidade que priorize e dê oportunidades aos estudantes. Ao falar sobre isso, ela recordou sobre as vezes que ela burlou orientações para ofertar as melhores oportunidades para seus alunos. Ela enfatiza que este mesmo sistema de ensino “precisa de suporte suficiente, com incentivos ao esporte, música e teatro”, pois a sociedade precisa de “escola pública de qualidade, que qualifique o aluno e que ele seja capacitado para não depender de cotas”.

Sobre política, ela defende a ideia de que a mulher precisa estudar para que construa sua história dentro do âmbito político e não ficar apenas como membros de movimentos, mas se envolver de verdade nos assuntos que englobam a sociedade, buscarem mais no que se refere ao conhecimento intelectual. Ela disse também que apesar de não ter sido detentora de um mandato, nunca absteve suas opiniões políticas, pois visava conseguir o melhor para todos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Para compreender os temas voltados à política é preciso estudar a história dela e quais elementos contribuíram para a sua construção, principalmente no que diz respeito à presença da mulher e do papel que ela exerce dentro do meio político de uma sociedade, não só em questões partidárias. A História é marcada pelo “toque” feminino ao longo dos anos, desde os primórdios, quando surgiram as primeiras organizações sociais.

Na produção do trabalho, busquei destacar sobre a importância da mulher de forma geral, dentro do seio da sociedade, através das figuras destacadas em cada capítulo. Cada uma delas possui uma história de vida diferente e o reconhecimento que possuem é resultado de um trabalho que foi alicerçado e construído dia após dia, seja na política, em sala de aula, como professoras, ou como escritoras, e estiveram motivadas a buscar o melhor pela sociedade.

A partir da leitura do livro de Lúcia Pina, *A mulher na História*, pude compreender melhor como essas relações se deram, a mulher era colocada como um ser submisso e coadjuvante na História, mesmo sendo dotada da capacidade de discutir sobre todos os assuntos e de liderar.

Ainda hoje, vivemos como os resquícios de uma sociedade preconceituosa e com ideias da soberania masculina.

No que diz respeito à temática de paz, trabalhada por Jane Nascimento, compreendi que é um assunto que se faz necessário, principalmente no contexto em que vivemos, onde o respeito dentro das relações sociais é tão banalizado. Estudar a paz é entender as dimensões da sociedade em que estamos inseridos e é algo que ajuda a encontrar soluções para conflitos que venham a surgir.

Dentro desse arranjo, existe a presença de Marlene Alves Calumby que trabalhou no setor da educação visando o bem-estar do outro, com projetos desenvolvidos e implementados nas escolas de Aracaju. Na política, esteve presente até o ano de 2022, quando disputou como candidata a deputada.

Em relação à escrita e à temática do trabalho, posso dizer que foi um tema leve de ser trabalhado e ao mesmo tempo, denso. Leve, pois é um assunto de meu interesse. Denso, por conta da complexidade que é a presença da mulher na História e que pode ser abordado de diversas formas. É de meu interesse, reeditar, se possível, e continuar pesquisando sobre o assunto, lendo e buscando mais.

## **REFERÊNCIAS:**

Dilma Vana Rousseff. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/centrais-de-conteudo/biblioteca-da-pr/galeria-dos-ex-presidentes/dilma-vana-rousseff>

**ESTUDOS PARA A PAZ.** Organização: JALALI, Vahideh R. R. Aracaju: Criação, 2010.

HISTÓRICO. Academia Sergipana de Letras. Disponível em: <https://letrassergipanas.com.br/historico/>. Acesso em: 22/10/2024

NASCIMENTO, José Anderson. **Perfis Acadêmicos.** Aracaju: EDISE, 2017.

PINA, Maria Lígia Madureira. **A Mulher na História.** [Aracaju]: [s.n.], 1994.

SILVA, Daniel Neves. Voto feminino no Brasil. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/voto-feminino-no-brasil.htm>. Acesso: 13/10/2024.